

Interpretações da mulher negra na sociedade de classes e o desembrulho para a sua visibilidade nos espaços de produção

Joseneide Jesus dos Santos Freire
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: 2023a0011@uesb.edu.br

Suzane Tosta Souza
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: tosta@uesb.edu.br

355

Palavras-chave: Mulher-negra. Espaços do trabalho. Precarização do trabalho feminino. Conflitos de classe. Racismo estrutural

INTRODUÇÃO

Este artigo instituiu como primazia o olhar sobre as interpretações dos sujeitos na sociedade de classes, da mulher nos espaços do trabalho e os caminhos percorridos para se dispor a reafirmação na condição de mulher-negra-trabalhadora nos espaços de produção. O objeto de estudo é a visibilidade e valorização da mulher-negra nos espaços de produção, do “chão da fábrica” – espaços do trabalho, aos espaços de reprodução e os caminhos que a distanciam deste objetivo. Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e será utilizado o método dialético para o escrutínio teórico. Estudo sobre as limitações da mulher, precarização do trabalho, herdadas em uma sociedade preconceituosa e machista, à valorização do trabalho feminino onde a cor da pele a invalida e a distorce as lutas pelos direitos da mulher nos espaços de produção. A pesquisa lança os seguintes questionamentos que instigam a investigação científica: Quais as limitações da mulher-negra, no mercado de trabalho no século XXI? Como o racismo estrutural corrobora para a ausência de mulheres negras nos cargos mais altos? Como a mulher-negra-periférica se mantém no mercado de trabalho em posse de sua qualificação? De que forma a sociedade se comporta diante da ascensão da mulher-negra no campo da ciência? Quais as intempéries da vida dessas mulheres para conseguir sua independência?

O problema da pesquisa abarca as dificuldades que as mulheres-negras-

Realização:



Apoio:



trabalhadoras precisam superar para sobreviver em uma sociedade capitalista, racista e misógina, suas lutas e as depreciações vividas no mercado de trabalho a depender da idade, cor da pele e condição social. Decorrente desta problemática, o estudo almejou alcançar os seguintes objetivos:

- Analisar as raízes históricas da desvalorização da mulher-negra nos espaços de produção.
- Analisar as dificuldades nos espaços de reprodução e nos espaços da ciência para a visibilidade feminina.

Compreender as transformações dessas mulheres para manter-se nos espaços de produção e de liderança, sem vivenciar o apagamento profissional.

METODOLOGIA

Esta pesquisa está sendo conduzida de forma empírica, documental e teórica bibliográfica, com análise da Ciência Geográfica e suas reflexões sobre o espaço relativo, natureza e a produção e reprodução dos espaços, com recorte das trabalhadoras terceirizadas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Um olhar sobre teoria crítica do papel da mulher-negra no mercado de trabalho, a precarização trabalhista e as limitações sofridas por elas devido a sua posição social, e condição de coexistir do ser mulher-negra dentro do sistema capitalista (Saffioti, 1973 – p.131). Está sendo trabalhada a categoria de análise: espaço e gênero. O aprofundamento teórico tem avançado o estudo, sendo sustentados por autores já conhecidos da Geografia, estes demonstram a importância do debate na Ciência Geográfica sobre função e importância do trabalho feminino dentro da sociedade, a importância desta na reprodução de trabalhadoras e as dificuldades encontradas para alcançar cargos altos e sair da invisibilidade nos espaços de produção capitalista, destacando autores como Engels (1984), Harvey (1974), Lenira (2001), Ana Fani (2007), Saffioti (1978, 1992 e 1981) entre outros. Buscando compreender as dificuldades no processo de produção e reprodução dessas trabalhadoras-negras nos espaços relativos, das regiões periféricas da cidade de Vitória da Conquista-Ba, destacaremos o recorte da UESB, como lugar de agrupamento de trabalhadoras de diferentes classes sociais. A fase documental desta pesquisa será composta por coleta de dados oficiais IBGE, IBGE-PNAD, e também entrevista nos espaços do objeto de estudo de forma presencial, com apresentação de questionário com foco maior na narrativa de vida dessas mulheres e suas dificuldades nos espaços de produção, um mapeamento das trabalhadoras-negras para compreender a

Realização:



Apoio:



dinâmica dos espaços de produção, dos espaços de reprodução e fluxos econômicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa tem alcançado resultados significativos quanto a desigualdade social nos meios de produção, mulheres negras em idade para trabalhar em sua maioria não tem oportunidade no mercado de trabalho, segundo IBGE (2022) mulheres pretas ou pardas participam menos do mercado de trabalho, e são em maior número afetadas pela pobreza.

Dados do IBGE-PNAD (2022) mostram que as mulheres dedicam 21,3 horas com os cuidados com a casa e com pessoas, sendo que as mulheres-negras exerciam uma dedicação maior em mais 1,6 horas nos afazeres domésticos do que mulheres brancas. Ainda neste comparativo, fica evidente que homens gastam menos tempo com trabalhos domésticos, sendo constatado que este grupo absorve 11,7 horas semanais com tarefas domésticas e cuidados com pessoas. Compreendendo que o grupo de pessoas que precisa ser cuidado são os filhos e idosos. Ainda considerando os dados do IBGE (2022), as mulheres são 53,3% inseridas no mercado de trabalho, diferente do percentual masculino de 73,2%. Referente à participação feminina, a taxa de informalidade é de 39,6% e a diferença de mulheres pretas e pardas é de 45,4%, neste sentido fica claro que mulheres negras ocupam grande fatia do mercado informal e são vítimas de exclusão social e precarização da sua força de trabalho. Os dados apontam que mulheres-negras com 25 anos de idade ou mais, somente 14,7% tiveram acesso ao ensino superior, quanto que as mulheres brancas representam 29,0% deste grupo. São expressivas as diferenças impostas às mulheres-negras dentro da sociedade de classe, uma depreciação da condição mulher-preta, a desvalorização da mão de obra feminina e o negacionismo quanto às dificuldades de ser mulher e negra nos espaços de produção e do saber no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou como foco, dar visibilidade as mulheres-trabalhadoras-negras nos espaços de produção e reprodução, evidenciando as lutas e dificuldades vivenciadas no meio do trabalho e doméstico, considerando suas raízes históricas, o desdobramento da classe social, as transformações ao longo do tempo para fim da desigualdade entre homens e mulheres e a valorização do trabalho feminino. A pesquisa constata que existiu uma discriminação contra o sexo feminino nas instituições do trabalho, de forma que capital x trabalho x racismo estão subsumidos no meio de produção capitalista e dentro de uma estrutura social com diversos conflitos de classe, raça e social. No mercado formal

Realização:



Apoio:



o número de trabalhadoras é muito menor que de homens e os salários para elas ainda são mais baixos, historicamente falando, um contexto que se arrasta por gerações. Assim, a pesquisa apresenta dados nos quais as mulheres-negras são marginalizadas nos espaços do trabalho devido a sua cor de pele e condição social. O racismo se sobrepõe nos espaços do trabalho como recorrência de uma estrutura social da sociedade racista e sexista que estamos inseridos, o racismo é estrutural e é através deste que se perpetua a invisibilidade feminina. Conclui-se na pesquisa que as mulheres-negras numeram um percentual expressivo da população brasileira que vivem na condição de pobreza, são empurradas para o mercado informal e submetem-se a precarização do trabalho para sua sobrevivência, alcançando 4ª jornada de trabalho e senão continua, quando considerado os cuidados com a casa, com os filhos, a sexualidade e a reprodução da força de trabalho, estabelecendo uma contínua jornada de trabalho sem gozo ao tempo livre.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural – Feminismos Plurais**. São Paulo, Ed. Polen, 2019.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/ do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado**. Tradução de Leandro Konder, Ed. Civilização Brasileira S.A, 9ª Edição, Rio de Janeiro-RJ, 1984.

HARVEY, David. **A Loucura da Razão Econômica – Marx e o Capital no Século XXI**. Tradução Artur Renzo. Ed. Boitempo, 1ª Edição, 2018.

IBGE, Agência Notícias. **Mulheres pretas ou pardas gastam mais tempo em tarefas domésticas, participam menos do mercado de trabalho e são mais afetadas pela pobreza**. Ed. Estatísticas Sociais, 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/> Acessado em: Agosto de 2024.

SAFFIOTI, Heleith. **A Mulher na Sociedade de Classes – Mito e Realidade**. Editora Expressão Popular – 1ª edição, 1978.

SAFFIOTI, Heleith. **Emprego Doméstico e Capitalismo**. Editora Vozes Ltda. 1ª edição. Petrópolis-RJ, 1978.

SAFFIOTI, Heleith. **A mulher Brasileira é Assim**. Editora Rosa dos Tempos Ltda. 1ª edição. Rio de Janeiro-RJ, 1994.

SAFFIOTI, Heleith. **Violência de Gênero – Poder e Impotência**. Editora Revinter Ltda. 1ª edição. Rio de Janeiro -RJ, 1995.

SAFFIOTI, Heleith. **Trabalho Feminino Capitalismo**. Trabalho apresentado no IX Congresso f Ethnological and Anthopological Sciences. Chicago, 1973.

SILVA, Lenyra Rique. **A Natureza Contraditória do Espaço Geográfico**. Ed. Contexto – 2ª Edição, 2022.

Realização:



Apoio:

